

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI
MESTRADO
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização**

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL: AS
MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE PAIS SEPARADOS DIRIGIDAS AOS
SEUS FILHOS**

ALINE SPACIARI MATIOLI

MARINGÁ

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL: AS MENSAGENS
ENIGMÁTICAS DE PAIS SEPARADOS DIRIGIDAS AOS SEUS FILHOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicanálise e Civilização.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Viviana C. Velasco Martínez

MARINGÁ

2011

ALINE SPACIARI MATIOLI

**UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL: AS MENSAGENS
ENIGMÁTICAS DE PAIS SEPARADOS DIRIGIDAS AOS SEUS FILHOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Viviana Carola Velasco Martínez (Orientadora) –
UEM

Prof. Dr. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto – UEM

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa de Melo Carvalho - UFMG

Suplentes:

Prof.^a Dr.^a Rozilda das Neves Alves – UEM

Prof. Dr. Fabio Belo – Faculdade de Direito Milton Campos
MG

MARINGÁ

28 DE MARÇO DE 2011

MATIOLI, A. S. *Um estudo psicanalítico da separação conjugal: as mensagens enigmáticas de pais separados dirigidas aos seus filhos*. 2011. 147f. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Viviana Carola Velasco Martínez. Maringá, 2011.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar os aspectos inconscientes que se manifestam nos pais que se separam e que provocam sofrimento psíquico nos filhos. A separação é um evento traumático não só para os filhos, mas também para os pais, pois estes se deparam com um sem-número de perdas significativas e geradoras de intenso movimento pulsional. Dentre estas perdas encontram-se: a perda do convívio diário com os filhos, perdas sociais e econômicas. Neste trabalho são ressaltadas as importantes perdas de caráter interno, difíceis de metabolizar, como a dissolução de vínculos e investimentos feitos no outro, o luto das ilusões, expectativas e projetos desfeitos, além do rompimento de vínculos relacionados à sexualidade infantil do casal, que transbordam da relação dual (marido-mulher) quando da ruptura do laço conjugal, e transforma-se em um excesso que os ex-cônjuges não são capazes de dar um contorno. Por essas razões, a relação de cuidado entre pais e filhos é alterada, e as mensagens destinadas aos filhos assumem caráter excessivo mediante a ausência de códigos infantis capazes de traduzir e retraduzir a nova e enigmática relação parental. A fim de compreender que mensagens circulam entre *pais separados-filhos em sofrimento psíquico*, que enigmas são lançados em direção ao ex-cônjuge e a criança e que traduções estes realizam das mensagens do outro, empreendeu-se uma pesquisa bibliográfica juntamente a uma pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica deu-se acerca dos temas: psicanálise, teoria da sedução generalizada e separação conjugal, cujo referencial encontrado compõe o material-base para a análise das sessões de escuta analítica com as famílias atendidas no decorrer da pesquisa de campo. Para a análise, os conteúdos das sessões com as famílias foram organizados em temas: as mensagens sexuais enviadas pelos pais aos seus filhos; o lugar enigmático ocupado pelo novo parceiro dos pais; o papel de organizadores pulsionais dos membros da família e da rede social próxima ao ex-casal; a culpa e os culpados pela separação; a função do dinheiro após o fim da união; a ambivalência amor-ódio em relação ao ex-parceiro e o luto pela separação. Conclui-se que a união do casal era capaz de manter muitos aspectos da sexualidade infantil do casal reprimidos, mas, com o término da união, a sexualidade infantil polimorfa do casal é reativada, mais especificamente, o seu lado não ligado, anárquico e autodestrutivo. Com vistas a dar conta deste excesso, o ex-casal estabelece novos vínculos em uma espécie de rearranjo inconsciente, pautado na agressividade prazerosa que tem como objetivo a organização pulsional, através da tentativa de manter a união por meio de manipulações, brigas na justiça, ciúmes, etc. Quando o ex-casal dirige este movimento pulsional para os filhos, ele pode ser traduzido em sintomas, problemas escolares e de comportamento. Porém, como sujeitos de inconsciente, os filhos respondem ativamente as mensagens recebidas dos pais, traduzindo-as à sua maneira, permanecendo, porém, muitas delas com seu caráter enigmático.

Palavras-chave: Separação conjugal. Pais/Filhos em sofrimento psíquico. Teoria da Sedução Generalizada (TSG) e Psicanálise.

MATIOLI, A.S. A psychoanalytic study of divorce: the enigmatic messages of divorced parents sent their children. 2011. 147f. Dissertation. (Master degree in Psychology) – State University of Maringá. Advisor: Prof^a. Dr^a. Viviana Carola Velasco Martínez. Maringá, 2011.

ABSTRACT

This present dissertation aims to analyze the unconscious aspects that manifest in parents who divorce and cause psychological distress in children. Parents divorce is a traumatic event not only for children but for parents as they face a no-number of significant losses and generate intense drive movement. Among these losses are: the loss of daily contact with their children, social and economic losses. In this paper, it's emphasized the importance of internal losses, being difficult to metabolize, such as the dissolution of bonds and investments done in the other, the mourning of illusions, expectations and projects undone, and the breaking of bonds related to infantile sexuality of the couple, overflowing of the dual relationship (husband-wife) when the rupture of the conjugal bond, and turns in excess of the ex-spouses are not able to give an outline. For these reasons, the caring relationship between parents and children is changed, and the messages aimed at children took excessive character facing the absence of infantile codes which are able to translate and re-translate the enigmatic and new parental relationship. In order to understand which messages flow between *divorced parents-children in psychological distress*, which puzzles are thrown toward the former spouse and the child, and which translations they do out of the messages from the other, a bibliographic survey was undertaken along with a fieldwork one. The literature review took place about of the following topics: psychoanalysis, theory of generalized seduction and divorce, whose reference found compose the base-material for the analysis of analytic listening sessions with families assisted during the fieldwork. To the analysis, the subjects of the sessions with the families were organized in themes: the sexual messages sent by parents to their children; the enigmatic place occupied by the new partner of the parents, the role of organizers of instinctual family members and social network near the former couple, guilt and blame for the separation, the function of money after the end of the marriage, the love-hate ambivalence in relation to the former partner, and the mourning for the separation. It is concluded that the union of the couple was able to keep many aspects of repressed infantile sexuality of the couple, but with the termination of marriage, the couple infantile sexuality polymorph is reactivated, more specifically, their side not-on, anarchic and self-destructive. In order to take account of this excess, the former couple establishes new bonds in an unconscious sort of rearrangement, based on aggressiveness pleasurable that aims to organizing drives, by trying to maintain unity through manipulation, argues on justice, jealousy, etc.. When the former couple instinctual drives this movement for children, it can be translated into symptoms, poor school performance and behavior. However, as individuals of unconscious, the children actively respond to messages from parents, translating them on their own way, however remaining the most of them with their enigmatic character.

Key-words: Conjugal separation; fathers/children psychological suffering; theory of generalized seduction, and psychoanalysis.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA-PPI: MESTRADO
Área de Concentração: Psicanálise e Civilização

Apresenta uma síntese da dissertação:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO DA SEPARAÇÃO CONJUGAL: AS MENSAGENS ENIGMÁTICAS DE PAIS SEPARADOS DIRIGIDAS AOS SEUS FILHOS

Mestre: Aline Spaciari Matioli¹

Orientadora: Viviana Carola Velasco Martínez²

A partir da prática clínica com filhos de pais separados percebemos algo de enigmático e excessivo nos vínculos estabelecidos após a separação conjugal. Frente ao fato, este trabalho teve como objetivo analisar os aspectos inconscientes que se manifestam nos pais que se separam e que provocam sofrimento psíquico nos filhos.

O presente estudo teve como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, a escuta analítica dos pais separados e o trabalho clínico com os filhos. A pesquisa bibliográfica deu-se acerca dos temas, separação conjugal, psicanálise e Teoria da Sedução Generalizada (TSG), de Jean Laplanche, esta última, esteio para a análise das famílias atendidas. É digno de nota, que a análise concentrou-se nos elementos do discurso parentais. O material colhido na psicoterapia do infante foi utilizado apenas como auxiliar no processo de análise.

A hipótese verificada é de que a sexualidade infantil dos pais, exaltada pela série de desligamentos feitos com o rompimento da vida marital, seria dirigida de forma excessiva aos filhos através de mensagens enigmáticas, levando ao surgimento de sintomas ou inibições, como o resultado do fracasso das tentativas do sujeito infantil traduzir não apenas esse excesso, mas também pelo fracasso na retradução da nova ordem familiar.

No capítulo 1 enfocamos os principais aspectos psíquicos envolvidas na separação conjugal, mas para sua compreensão, é importante lembrarmos os motivos que unem os pares. Silva e Chuster (1991) afirmam que os indivíduos casam-se por diversas razões: “necessidades sexuais, necessidades sócio-políticas-econômico-culturais; fantasias relacionadas com o casamento dos pais (‘cena primária’) e ao desejo de desenvolvimento mútuo (possibilidade de criar projetos comuns, casas, viagens...)” (p.110). Porém, segundo

¹ Email para contato: aline_matioli@hotmail.com

² Email para contato: vcvmartinez@hotmail.com

Rafaelli (1994), alguns relacionamentos são sustentados por vínculos neuróticos, onde imperam o fracasso e a dor ao invés da busca por felicidade e harmonia.

Depois de formado o casal, para que este se conserve unido são necessários certos elementos positivos: identificações, ideais e crenças comuns; determinado coeficiente de paixão e admiração recíproca, e a presença de um jogo funcional entre o casal, que permita a realização mais ou menos satisfatória de seus desejos (Losso, 2003). A relação conjugal deve, ainda, funcionar como local de reafirmação do narcisismo e continente à expressão de determinada quantia de agressividade, sendo todos esses aspectos parte de um tipo particular de acordo inconsciente, que funciona como forma de organizar os conteúdos psíquicos e como defesa. É a este tipo de relação que Kaës, citado por Losso (2003), atribui a expressão “pacto negativo”.

A importância deste pacto reside no fato de sua existência assegurar aos cônjuges que certos conteúdos psíquicos possíveis de inviabilizar a relação permaneçam reprimidos ou negados. Porém, quando o casal se separa, este acordo inconsciente é rompido, e os conteúdos liberados com a quebra desse pacto podem adquirir grande potencial de violência, como as reprovações, as agressões verbais e/ou corporais, as perseguições, as fantasias paranóides, as fantasias de retaliação, o ódio passional e, até mesmo, as fantasias de morte ao ex-parceiro (Losso, 2003).

Nestes casos, a manutenção a qualquer custo da ligação entre o ex-casal, mesmo que implique em intenso sofrimento e empobrecimento psíquico, pode ser suportável, pois é menos ameaçadora e desorganizadora do que a possibilidade da emergência de conteúdos mais primitivos (LOSSO, 2003). Comumente o espaço reservado à antiga ligação do casal é preenchido por um conflito constante, que funciona a fim de manter o ex-casal unido, sendo estes os casos nomeados por Losso de “divórcios intermináveis³”.

Após a separação, o ex-casal depara-se com uma variedade de perdas significativas, algumas relacionadas a fatores externos, como a perda do convívio diário com os filhos, as perdas econômicas, de estabilidade e de segurança. Dentre as perdas psíquicas, mais precisamente as de caráter inconsciente, Losso (2003) ressalta os sentimentos de falha, de culpa, de perda da sensação de integridade de si, a diminuição da autoestima, o desamparo, e

³ Losso (2003) descreve também o “divórcio terminável”, onde o sujeito é capaz de elaborar a perda da ligação conjugal por meio do desinvestimento do ex-cônjuge como objeto amoroso, do desenvolvimento de laços eróticos com novos parceiros e, por fim, no reinvestimento do ex-cônjuge como casal parental. Processos esses, que ocorreriam em um período médio de um a dois anos após a separação efetiva; porém, apesar de finito, o divórcio terminável pode apresentar características idênticas às do divórcio interminável.

a perda da imagem ideal de si, pois, abandonado, o sujeito se depara com a frustração e perda da onipotência.

Destacamos, ainda, a perda do outro como *suporte fantasmático*, pois a presença real do amado funciona como alicerce para a construção de grande soma de fantasias. Como expõe Nasio (1991), a verdadeira dor sentida pelos cônjuges após o fim da relação é derivada da desarticulação interna das fantasias criadas em torno do amado, do excesso sem objeto, da incitação sem excitante⁴. Por tais razões, é que o luto pelo fim da relação torna-se um processo doloroso, traumático, e, por vezes, interminável.

Em síntese, o processo de luto pode ser descrito como o trabalho desenvolvido pelo psiquismo de retirada dos investimentos feitos em um objeto significativo e sua reintrojeção no eu para futuro reinvestimento em novos objetos (FREUD, 1917/2006). Porém, realizar o desinvestimento do objeto não é tarefa fácil para o eu, pois os sujeitos tendem a manter suas ligações e investimentos libidinais nos objetos antigos, mesmo que surja outro em seu lugar.

Esta viscosidade da pulsão investida nos objetos auxilia na compreensão das constantes saídas e voltas para casa antes da separação definitiva; nas investidas sexuais, feitas no ex-cônjuge apesar de já haver iniciado nova relação afetiva; ou nas tentativas de reatar o laço depois de meses da separação. A dificuldade de elaboração do luto no divórcio, talvez se deva também ao fato de que o objeto perdido se comporte como um *morto-vivo*, morto dentro de mim como par amoroso, e vivo no mundo real como *par parental*. O que, além de dificultar o desligamento do objeto pela existência de filhos em comum, provoca no eu do abandonado um número infindável de questões a serem respondidas: “porque ele me deixou?”; “o que eu fiz de errado?”, questões estas, capazes de reatualizar o abandono primário, as vivências edípicas, etc.

Lembrando que durante o trabalho de luto, o desolado encontra-se, via de regra, impossibilitado de qualquer manifestação de interesse para outros fatos do mundo, a não ser, pela lembrança do objeto (FREUD, 1917/2006), é compreensível que ao longo do processo de luto no divórcio, os pais acabem por relegar ou mesmo depreciar os cuidados com a prole que deles depende, para se recolher nos conflitos internos que os absorvem.

Com ênfase nesta relação pais separados/filhos, Wallerstein e Resnikoff (1997) apontam para o surgimento de duas tendências opostas, ambas prejudiciais aos filhos. A primeira se resume ao desejo mágico, consciente ou inconsciente, de abandonar os filhos,

⁴ A leitura de Nasio (1991) remete, ainda, às ideias de Freud (1917) expressas em Luto e Melancolia, quando o autor ressalta que a última pode constituir reação a separação do objeto amado, e não sua morte. Neste caso, o sujeito ignora o valor intrínseco do objeto, pois, apesar de saber *quem* ele perdeu, ele não sabe *o que* perdeu junto ao objeto.

frutos do casamento que deseja extirpar da sua história. Tal fato, junto ao comum desejo dos sujeitos separados terem de volta os anos desperdiçados na fracassada relação, oferecem solo fértil ao surgimento de sentimentos ambivalentes em relação aos filhos. A segunda tendência é representada pelos casos em que os pais desenvolvem uma grande dependência em relação aos filhos.

Segundo Losso (2003), nos casos em que a antiga ligação afetiva do casal é substituída por uma relação sádico-erótica, os ex-cônjuges amiúde procuram um terceiro que funcione como um fator organizador. No caso da busca pela justiça, os acordos realizados na presença de um juiz se referem a aspectos que o ex-casal sozinho não consegue resolver. São exemplos bastante ocasionais: a guarda dos filhos, o valor da pensão alimentícia e as regras de visitas. Porém, para Dias e Souza (1999), tais alegações não passam de um disfarce de motivações inconscientes, ligadas a mágoas e ressentimentos de um cônjuge para com o outro.

Nesse sentido, cada audiência pode transformar-se em uma reedição das cenas da vida familiar, nas quais os jogos conspiratórios, os ressentimentos e as tentativas de reaproximação transparecem. E, pelas características desta modalidade de vínculo, as consecutivas quebras dos acordos feitos perante a justiça são prazerosas para os ex-cônjuges, pois seria uma forma camuflada ou mais elaborada de manifestação do sadismo e da agressividade em relação ao ex-parceiro.

Os casos que serão apresentados, mais adiante, apesar de provocarem grande sofrimento à prole, não chegaram a consequências extremas, como o assassinato do ex-parceiro ou dos filhos. Parece-nos, que nestes casos, os excessos da sexualidade infantil do casal, somados a uma constituição psíquica perversa ou por graves falhas nas defesas neuróticas, levariam o desejo de vingança ao ex-parceiro sair do campo das fantasias ou dos pequenos atos, para atuações mais graves por parte do ex-cônjuges.

Essas reações agressivas e mesmo mortíferas podem ser uma resposta a um ataque sentido como *mutilador* do eu, pois, segundo Freud (1923), o sujeito que ama o outro na verdade introjeta o objeto, que, conseqüentemente, torna-se uma parte constituinte do ego. Assim, a perda do objeto amado seria semelhante à perda de partes de si mesmo ou a uma fragmentação do eu, o que poderia, ainda, colocar em risco a própria integridade egóica (através de processos depressivos, e até mesmo do suicídio).

No capítulo 2 expomos a TSG, pois, a nosso ver, junto aos esclarecimentos prévios, esta teoria nos auxilia a compreender a relevância das atitudes sedutoras e das mensagens enigmáticas emitidas pelos pais separados na gênese do sofrimento psíquico dos filhos.

A TSG considera que durante os cuidados de sobrevivência dispensados ao infante, os pais agem como sedutores diante da passividade da criança, sendo esta sedução, inegável, instituinte e necessária à constituição do sujeito. Esta sedução se processa através de mensagens enigmáticas endereçadas a criança, enigmáticas não somente para o infante, mas também para o adulto, pois partem de seu inconsciente (LAPLANCHE, 1987).

Porém, explica Laplanche (2007a), estas mensagens não seriam propriamente inconscientes, mas seriam mensagens pré-conscientes/conscientes parasitadas pela sexualidade infantil do adulto mobilizada pela relação com a criança. Em outras palavras, as fantasias, os desejos e o inconsciente do adulto funcionam como uma espécie de “ruído” – no sentido da teoria da comunicação –, comprometendo a mensagem destinada à criança. Segundo Laplanche (1999), tais mensagens são veiculadas não somente nas palavras, mas no tom de voz, gestos, sorrisos, mímicas, atitudes e no olhar.

Convém ponderar que o adulto sedutor não é exclusivamente a mãe ou o pai, pois o fundamental na sedução não é a relação de parentesco, mas, antes de tudo, o diferencial das idades, com seu corolário, a dissimetria pulsional (LAPLANCHE, 2006). Daí, a sedução ser exercida por todo *mundo adulto*, adultos concretos, cotidianos e libidinais que representam o mundo para o infante. Em especial, ressalta Laplanche (2007a), por um grupo de pessoas que mantém uma relação de caráter mais íntimo com o infante, o *socii*, representado pela mãe, pai, avôs, irmãos, amigos, primos, babás, etc.

Segundo Laplanche (1997b), o caráter enigmático da sedução parental ocorre porque a criança pequena se encontra em uma posição *passiva* perante o universo adulto. Passividade decorrente da ausência de códigos infantis inatos capazes de traduzir os significantes sexuais contidos nas mensagens enviadas pelo adulto. Tais mensagens funcionam como enigma e convocam a criança na tentativa de decifrá-las.

Estas mensagens enigmáticas são transmitidas à criança por meio de dois processos distintos, nomeados por Laplanche (1997a) de implantação e intromissão. A implantação refere-se aos significantes emitidos pelo adulto e recebidos passivamente pelo infante, significantes fixados na pele psicofisiológica de um sujeito cujas instâncias psíquicas encontram-se indiferenciadas. Para o autor, a implantação é um processo normal, cotidiano e, por vezes neurótico, já a intromissão seria sua variante violenta, invasiva. Enquanto a implantação permite certo grau de atividade, através da tradução e do recalque, a intromissão coloca no interior do sujeito um elemento rebelde a qualquer metabolização.

Para Laplanche (2007b), o processo de tradução ocorre em dois tempos. No primeiro tempo a mensagem é simplesmente implantada, mas não é compreendida. No segundo tempo

esta mensagem é reavivada e passa a atuar como um verdadeiro *corpo estranho interno* que é necessário integrar. Contudo, apesar das tentativas de metabolização, sempre haverá resíduos intraduzíveis que escapam às tentativas de tradução. A criança, expõe Laplanche (2005), por não possuir provisões suficientes para traduzir o que recebe do outro, procurará outros instrumentos para lidar com esse excesso, podendo fazer valer-se de sintomas ou atos falhos.

Ressalta Laplanche (2007b), que há em todo sujeito psíquico, não apenas na criança, mas também no adulto, um “estoque de mensagens intraduzidas”, algumas em estado de espera provisória de tradução, outras, impedidas temporal ou definitivamente de tradução. Quando esta tradução é possível, a criança utiliza não somente seus códigos autoconservativos, mas novos códigos, que desde muito cedo entra em contato graças ao ambiente cultural circundante. Tais códigos foram denominados por Martens (2009) de “assistentes de tradução”, e seriam constituídos pelo conjunto de mensagens emitidas pelo ambiente social em geral, pelo cultural, que oferece ao infante, além dos códigos clássicos⁵, novos códigos, narrativas e esquemas que funcionam em contraponto ao processo de sedução.

A primeira falha no processo tradutivo é denominada recalçamento originário, condição *sine qua non* para o nascimento do eu e da estratificação dos sistemas psíquicos em: inconsciente, pré-consciente e consciente. Em consequência, os resíduos não traduzidos da mensagem do outro, os denominados “objetos-fonte de pulsão”, serão depositados no inconsciente e permanecerão intraduzíveis, levando ao surgimento de uma pulsão, a pulsão de tradução, um constante e infundável a-traduzir.

Para Laplanche (1988), é a pressão interior constantemente exercida pelos objetos-fonte constituem a pulsão agente sobre o ego. Porém, ao mesmo tempo em que a ação dos objetos-fontes é estimulante ao eu – pois visa um constante a-traduzir que levaria a uma maior organização interna – ela é perigosa, pois também forma a base da pulsão sexual de morte. Isto se deve ao fato, de que a pulsão sexual não é composta somente por Eros, este lado “ligado, investido, calmo, quiescente” (LAPLANCHE, 1988, p.102), mas possui ainda o aspecto demoníaco, anárquico, agressivo e desligado, representado pela pulsão sexual de morte – núcleo da pulsão sexual.

Faz parte de nossa hipótese, que diante de um evento traumático para o eu, como a separação conjugal, a tendência à síntese, unificação ou ligação pulsional poderia ser afetada,

⁵ Segundo Ramos (2008), os profantomas do complexo de Édipo, do complexo de castração e da cena primitiva, por exemplo, servem para o sujeito infantil organizar sua vida pulsional. Nesse sentido, para o autor, “o complexo de Édipo estaria, então, do lado do recalçamento [e não do recalcado], na medida em que é uma representação ou conjunto de representações que a cultura, através de mitos, de cinema etc., oferece ao sujeito como, digamos, uma tina, um continente para essa pulsão” (p.263, grifos nossos).

ficando o ex-cônjuge e seus filhos, expostos aos desígnios da pulsão sexual de morte dos pais, antes inibida ou reprimida pelo pacto negativo entre o casal.

As características da sexualidade infantil – o desejo de vingança, de retaliação, de triunfo sobre o objeto – fazem parte da pulsão sexual de morte, pois não propendem à preservação ou a conservação do eu e do objeto como o faz Eros, mas, pelo contrário, visam à *satisfação* a qualquer custo, até mesmo ao preço da integridade do eu, do objeto, ou dos próprios filhos.

Quando os filhos são expostos aos excessos parentais surge o imperativo de novos processos de metabolização que vão além da tradução da nova experiência, como o processo de retradução das antigas representações da relação parental. Porém, como passar de: “papai e mamãe se amam e por isso estão juntos” para a retradução: “papai e mamãe não se amam mais e por isso se separaram”, sem a formação de resíduos traumáticos expressos de modo fantasmático em frases como: “se meus pais deixaram de se amar, eles também podem deixar de me amar?”, “se meu pai abandonou minha mãe, ele também vai me abandonar?”. Frente a tais resíduos, pensamos, os sintomas seriam uma saída possível.

No terceiro capítulo, expomos o resultado da escuta de três ex-casais, que chamamos, respectivamente, de família Silva, família Pires e família Oliveira. O vasto conteúdo das sessões foi organizado em temas que denominamos: *cena primária; a outra, quem é ela? outros sedutores; o luto, a raposa e as uvas; a “sedução” na transferência; a culpa e os culpados; organizadores pulsionais; dinheiro sem pudor; e o amor?; vem dormir comigo!* Temas que se desenharam conforme fomos analisando o material da nossa escuta, que seguiu o modelo proposto por Freud (1914/1996) em “Recordar, repetir e elaborar”, daí nossa atenção especial aos conteúdos que mais se repetiram durante as sessões, repetições temáticas estas, índice de seu caráter enigmático, tanto para os pais atendidos, quanto para os filhos.

Por tratar-se de uma síntese, oferecemos ao leitor um quadro resumo acerca dos dados essências das famílias atendidas, resumo este, que, de forma alguma é capaz de sintetizar a riqueza de suas histórias significantes. Os nomes e os dados capazes de identificar as famílias foram alterados. Pela própria essência do trabalho psicanalítico, as expressões agressivas ou grosseiras dos membros das famílias foram preservadas e articuladas para a análise.

Família	Pai	Mãe	Filho em sofrimento	Causa alegada da separação	Sintoma do filho segundos os pais
<u>Silva</u> 18 anos casados. Separados há 4 meses	Marcos	Susana	Pedro (11 anos)	Ciúme, desconfiança e agressões verbais por parte da ex-esposa.	Agressividade, irritação, choro e problemas escolares.
<u>Pires</u> 11 anos casados. Separados há 8 meses	Roberto	Patrícia	Bruno (10 anos)	Ciúmes de ambos os cônjuges que levavam a agressões físicas e a prisão paterna.	Desobediência e rebeldia frente à mãe e às professoras.
<u>Oliveira</u> 4 anos casados. Separados há 6 anos.	Júlio	Marisa	Clara (7 anos)	Ciúme excessivo e descontrole emocional por parte da ex-esposa.	Pensamentos ruins e rituais compulsivos.

***Dados referentes ao início dos trabalhos com as famílias.**

CENA PRIMÁRIA

Como no protofantasma da cena primitiva, os filhos de casais em processo de separação presenciam, como espectadores “privilegiados”, inúmeras cenas *sexuais* entre os pais. Sexuais não explicitamente, mas nas entrelinhas do discurso, atitudes e mímica parental. Vejamos um relato de Patrícia, Família Pires:

Quando brigávamos (...) Bruno escondia as facas e tudo que pudesse nos machucar (...). Na última briga que tivemos, Roberto colocou uma faca no meu pescoço, depois tirou a aliança do dedo e disse que o casamento havia acabado (...). Antes dele sair, Bruno disse: pai vai embora que eu não aguento mais.

Durante outra discussão, Roberto deu um “*tabefe*” no rosto de Patrícia. Ela conta ter chamado a polícia que levou Roberto preso na frente de Bruno, que, segunda ela, “*não parava de gritar (...). Naquela noite ele não falou comigo, não comeu, não bebeu, nem dormiu.*”

A nosso ver, tais cenas poderiam funcionar como significantes invasivos para Bruno, no sentido de que seus órgãos perceptivos como os olhos e ouvidos, que são também zonas erógenas, fossem abruptamente tomados por um excesso que transbordasse sua capacidade metabólica. Como uma espécie de abuso não somente do corpo, mas de sua capacidade de codificação, Bruno recorre a reações como o choro e os gritos, reações que manifestavam sua angústia diante da cena imetabolizável.

Na família Silva, estas cenas ocorriam de forma mais velada, porém igualmente dolorosa para os filhos. Diz Susana: “*Tenho que ligar para o Marcos, para que ele venha ver o Pedro mais vezes, mas quase sempre discutimos ao telefone, muitas vezes na frente de Pedro, que chora*”.

Com base na escuta de Susana, pensamos existir, por trás de suas ligações, também o desejo de que Marcos fosse a sua casa para ver o filho, ocasião em que ela também poderia vê-lo, pois, segundo Marcos, nesses momentos de visita a Pedro, Susana mostrava-se “*simpática e receptiva*”, fato que, a nosso ver, demonstra as tentativas de Susana reconquistar o ex-marido. Nestas circunstâncias, as brigas parentais assumem caráter enigmático frente a Pedro, porque os motivos implicados nessas discussões partem do inconsciente da mãe. A mensagem para o filho pode ser mais ou menos esta: “se você sofre, seu pai virá, e eu quero que seu pai esteja aqui”, seja para seduzi-lo, seja para castigá-lo.

A OUTRA, QUEM É ELA? OUTROS SEDUTORES

Quem é a outra? Márcia, Paula, Gabriela? Não, em geral a outra não tem nome. Ela é tratada como: “a namorada do pai”, “a nova mulher dele”, “a mulher que ele está”. O que é importante salientar destas formas de tratamento é o fato, desta “outra” não ser convocada pelo substantivo que a resume, pois o nome designa algo assimilado e compreendido pelo psiquismo, que é capaz de representá-lo, mas este “outro/a”, semelhante a uma intromissão, deixou um resíduo imetabolizável, difícilíssimo de ser representado pelos membros da família.

Martínez (2010⁶) contribui com a ideia de que a não nomeação do novo parceiro dos pais, ou o uso de outros “nomes”, tem a função de se solidarizar com o genitor abandonado, afinal, a criança também, identificada ao abandonado, foi vítima da separação. Por outro lado, enunciar o nome do “outro/a” pode constituir grave insulto ao narcisismo do cônjuge abandonado, posto que a existência/presença do “outro/a” sugere falhas na capacidade do eu manter *o seu lugar* como objeto. Sua presença materializa a falência da relação, o fracasso no suprimento das demandas do parceiro, o que não deu certo, o que não durou, e o *não* é sempre excesso, é imetabolizável.

Este “outro-mal”, apreendido como obstáculo às fantasias de re-união, é desprezado e desvalorizado pelo cônjuge abandonado, por vezes de maneira implícita, por meio de mensagens sutis, outras vezes é atacado de forma explícita e até agressiva frente aos filhos e ao ex-cônjuge. Vagabunda, então, será um nome bastante comum atribuído à outra.

Frente aos filhos, esses “outros” agiriam como sedutores pelo simples fato de ocuparem uma posição desvalorizada, mas, ao mesmo tempo, privilegiada – a do novo parceiro da mãe/pai –, pois se trata de uma posição que faz circular novos enigmas (reedição do triângulo edípico). Se, de alguma maneira, “a outra”, por exemplo, pode ajudar a organizar melhor a sexualidade infantil do abandonador, ela também pode funcionar como algo totalmente desorganizador para a ex-parceira abandonada e o filho. A presença dessa outra levará a várias interrogações, tais como: Ela é mais jovem? É mais bonita? Sabe satisfazer o seu/meu parceiro? Ele vai abandoná-la também? Ele é mais feliz com ela do que comigo? Ela gosta mesmo dos meus filhos? Meus filhos gostam dela? Também nos filhos surgem angustiantes enigmas, tais como: “será que ele também vai deixar de me amar?”, “*será que ele vai me abandonar?*” (Clara, 7 anos).

Para Patrícia, família Pires, a outra é “*baranga*”, é “*xibunga*”, “*é só mais uma*”. Marisa, família Oliveira, semelhante à Susana e Patrícia, utiliza-se de um tom pejorativo para se referir a outra, quando, por exemplo, diz ter quase certeza de que o ex-marido estava com “*aquela retardada, vagabunda*” antes do término do seu casamento. Marisa conta que passados três anos da separação, ainda “*sentia vontade de dar um cacete nela. Não sei como consegui me controlar, minha vontade era de esganá-la e vê-la morrer*”.

Quantas faces têm a outra? Quantos fantasmas ela é capaz de sustentar? São enigmas difíceis de responder, pois particulares a cada trama familiar. Porém, muitas faces são comuns. Em geral a outra é odiada, é sedutora, é provocadora da separação, é jovem, é

⁶ Comunicação oral à autora, 2010.

interesseira, é imatura, é vagabunda, é feia, pois “*tem o cabelo ruim*” (Patrícia) ou os “*zóio de sapo*” (Marisa). No fantasma masculino, a outra é objeto provocador de ciúmes, é objeto mostra de virilidade, é objeto substituto, é objeto comprado pelos presentes e pelas “*mordomias que Marcos oferece pra ela que nem precisa trabalhar*” (Susana), e, por ser comprada, a outra é *putificada*.

O lugar comum que ela ocupa talvez possa se resumir no lugar desvalorizado, usurpado, que não lhe é próprio. É provável que o ódio, o desejo de vingança, triunfo sobre o objeto, as disputas pelo amor dos filhos, dentre outros sentimentos que permeiam esta complexa relação ex-mulher-ex-marido-outra-filhos sejam próprios da sexualidade infantil, mais especificamente, de seu lado desligado que, exacerbado na ausência do objeto, torna-se excesso difícil de metabolizar, excesso que, em muitos casos, tem a outra como fiel depositário.

O LUTO, A RAPOSA E AS UVAS

É-nos bastante íntima a fábula da “Raposa e as uvas”, cujo núcleo significante consiste no desejo insatisfeito da raposa, que, por não conseguir alcançar as uvas almeçadas, as deprecia. De forma análoga, fazemos uso desta metáfora para compreender a atitude de nossos protagonistas.

A depreciação do antigo objeto foi observada nas falas da família Oliveira:

Ele [ex-marido] é um homem inteligente e trabalhador, mas não sabe administrar o dinheiro, gasta tudo o que ganha (...). Já meu namorado não, é diferente, apesar de novo ele é bem ajuizado (risos) (Marisa).

*Depois da separação ainda brigamos muito. Por quatro vezes fomos parar na delegacia. Na última vez (...) ela estava algemada, pois tentou quebrar a porta do meu local de trabalho (...) ela parecia aquelas **Desperate Housewives** (risos), eu não podia aguentar aquilo, tanto que arrumei alguém bem diferente (Júlio).*

É plausível que a depreciação do antigo objeto seja utilizada como medida auxiliar para a elaboração do luto, pois perder um objeto desvalorizado, rebaixado, atacado é menos doloroso do que a perda de um objeto valioso. Destruir a imagem do outro, que, por certo período de tempo, foi bastante significativo, torna o desinvestimento mais tolerável.

Outra maneira de burlar o processo de luto é a eleição de um novo parceiro imediatamente após o término da relação, assim, a pulsão anteriormente dirigida ao ex-cônjuge busca em um novo parceiro um modo de dar-lhe destino. Aliás, a “outra” ou o “outro” podem funcionar como uma espécie de *pára-angustia*.

Para Laplanche (1997c), quando da morte, os significantes deixados pelo morto assumem novo *status*, ganham em alteridade, pois o emissor não mais existe para sustentá-los ou traduzi-los. Nesse sentido, para o sobrevivente enlutado a mensagem deixada pelo morto nunca será suficientemente compreendida.

Aplicando tais idéias no caso do luto no divórcio, pensamos que apesar do emissor da mensagem ainda existir, mesmo distante do eu, o tempo de sua resposta ou tradução ao enigma implantado é um tempo passado, perdido, ficando assim algo incompreendido. Frases genéricas como: e se eu tivesse agido diferente?; ou, se ela (a outra) não tivesse aparecido? são alguns enigmas possíveis de serem implantados pelo ex-parceiro cujo tempo de tradução é irre recuperável, e, por isso, traumático.

Laplanche (1993a) explica que o luto causado pela morte de um ente querido poderia ser pensado ainda como uma mensagem “para sempre interrompida, irremediavelmente interrompida” (p.757). De forma análoga, nos casos de luto pela separação do objeto, esta mensagem não poderia ser apreendida como uma mensagem cuja tradução foi suspensa, temporariamente suspensa?

Esta discussão surgiu a partir da análise da família Pires, pois notamos em Roberto, uma nova forma do sujeito se deparar com a perda do outro, que seria a *postergação* do trabalho de luto. A mensagem do ex-parceiro referente ao fim da relação é, para alguns, imetabolizável; assim, sem recursos para traduzir a mensagem do ex-parceiro “não te quero mais”, o sujeito paralisa o processo de luto, como parece ter feito Roberto, ao se referir aos seus sentimentos em relação à ex-esposa: “*estão aqui dentro [apontando para o coração], mas congelados*”.

Com base nas idéias de Hage (2005), será precisamente pelo trabalho de tradução da herança enigmática deixada pelo ex-cônjuge que se realizará o processo de luto no divórcio.

A “SEDUÇÃO” NA TRANSFERÊNCIA

A palavra sedução é tomada, neste item, não no sentimento da sedução generalizada de Laplanche, mas no sentido do senso comum. Uma breve pesquisa do *Dicionário Aurélio* permite mostrar que a ideia de sedução tem um caráter antitético. Seduzir pode ser atrair, encantar, fascinar, vislumbrar, porém, como face oposta, pode significar enganar arditosamente, encaminhar para o mal ou para o erro, desencaminhar, subornar para fins sediciosos. Assim, cabe a questão: estariam os pais pesquisados nos encantando ou nos enganando com seus falares? E com quais objetivos o estariam fazendo? Vejamos os fatos.

Na transferência com os pais fomos interpelados por suas tentativas de sedução, grande parte com vistas a nos tornarmos cúmplices de cada um deles. A este respeito, Susana nos diz: “*não sei se você pode, mas se puder, fale para o Marcos vim ver o Pedro mais vezes, porque ele sente falta do pai, e eu já cansei de pedir.*” Cansada de tentar seduzir o ex-marido, Susana nos convoca a seduzir Marcos. Porém, esta era uma demanda não passível de ser atendida e, em pouco tempo, Pedro começou a faltar às sessões.

Essas faltas podem, ainda, se justificar a partir do relato de Marcos: “*Susana está colocando empecilhos para trazer Pedro às sessões. Um amigo me disse que ela acha que você vai fazer a cabeça do meu filho para que eu possa namorar.*” Supomos que Susana havia nos deslocado do lugar de suposta aliada, para quem destinava mensagens sedutoras, para o lugar de cúmplice do ex-marido, para quem endereça seus sentimentos persecutórios, seu desprezo e sua agressividade.

Fato interessante de mencionar se refere à transferência de Júlio, da família Oliveira, que assumiu caráter erótico, o que pode indicar resistência ou mesmo agressividade, estas utilizadas como forma de destruição do nosso trabalho, ou ainda, se mostrar atraente seria uma forma de conseguir nossa cumplicidade.

A CULPA E OS CULPADOS

Os estudos encontrados durante a pesquisa bibliográfica apontavam a existência do sentimento de culpa no cônjuge abandonador. Contudo, durante as sessões com os pais separados, notamos a presença do sentimento de culpa também no cônjuge abandonado.

Durante as sessões com a família Silva, Susana expõe que os motivos implicados no fim de seu casamento foram: suas desconfianças, seu ciúme, e as ofensas ao ex-marido: “*Me*

arrependo por ter jogado as coisas na cara dele, mas não conseguia me controlar, quando via já tinha ofendido, e pior, na frente dos meninos”, ou “eu dizia que ele não tinha nome na praça e que a casa era minha, se fosse hoje eu tentaria me controlar”. Incapaz de dar conta dos excessos dirigidos ao ex-marido, Susana sentia-se duplamente culpada: culpada pelo sofrimento infringido aos filhos, espectadores das cenas sádico-eróticas, e culpada, ou melhor, arrependida, pois acreditava que se não tivesse ofendido o ex-marido, talvez, estariam juntos.

Em relação à visão dos filhos sobre a separação parental, Pedro, por exemplo, imprimia à namorada e ao amigo do pai a culpa pelo término da relação parental, ao início do namoro de Marcos e pela não re-união dos pais: *“se não fosse aquele amigo do meu pai ter levado ele naquela confraternização, ele não tava namorando agora, e “ela [a namorada do pai] tava atrás dele faz tempo, quando ele ainda tava com minha mãe, até presentes ela dava, mas eles ainda não estavam juntos”.*

Notamos que os papéis de culpado e vítima, agressor e agredido, bom e mau, não são fixos, mas circulam nas fantasias familiares. Porém, o lugar da *outra* geralmente permanece o mesmo, ela é sempre culpada, ou pelo fim do casamento ou pela não re-união do casal.

ORGANIZADORES PULSIONAIS

No transcurso das sessões com os pais separados, percebemos que o papel estruturador e ordenador do terceiro era buscado não somente nos juízes ou advogados envolvidos no caso, mas nos adultos cotidianos que circulam no universo parental.

No caso da família Silva, Susana diz que suas amigas falam que agora está tudo bem entre Marcos e a namorada, porque *“estão juntos faz pouco tempo, estão praticamente em lua de mel”*, ou *“logo ele se cansa das cobranças dela e arruma outra”*. Reais ou não, tais falas eram reconfortantes para Susana, pois seu conteúdo era capaz de fornecer suporte, ao menos temporário, às suas angústias, e, assim, os discursos e construções hipotéticas feitas pelas amigas serviam para Susana, talvez, como uma assistência de tradução menos traumática do que a certeza de uma relação duradoura entre Marcos e a nova namorada.

Em outra ocasião, o agente estruturar procurado para auxiliar Susana frente à angústia de ver o ex-marido com a namorada em uma festa, é um terceiro transcendente, dotado de poderes sobre-humanos: *“Pedi a Deus para não vê-lo com ela, não queria estragar minha noite, e graças a Deus não os vi”*.

Além dos amigos, parentes próximos e entidades abstratas, este terceiro organizador pode até mesmo ser buscado nos membros da família do ex-cônjuge. Por outro lado, os familiares do ex-cônjuge podem ser seduzidos com vistas a se tornarem aliados nas tentativas de re-união do ex-casal, como é o caso da família Pires, em que Roberto, separado de Patrícia acerca de oito meses, continuava visitando e almoçando na casa da ex-sogra.

DINHEIRO SEM PUDOR

No decorrer da pesquisa encontramos que o dinheiro poderia ser utilizado pelos ex-cônjuges como meio de vingança, expressa na vicissitude que é o pagamento da pensão aos filhos. Diz Júlio, família Oliveira: “*prefiro gastar R\$10.000 mil com advogados, do que pagar 1.000 reais pra ela [ex-mulher]*”. Muito aquém de ser útil à organização familiar, o dinheiro torna-se motivo de desentendimentos entre o ex-casal, muitas vezes por um período de tempo bastante durador, favorecendo a manutenção da relação por laços sádico-eróticos.

O dinheiro marca também a relação *outra-filhos*. Em uma das sessões Pedro relata que a namorada do pai havia gostado de “*um óculos de sol de R\$ 600,00 reais, mas acho que ele não comprou, porque meu irmão estava junto, e ele teria que comprar um pra ele, e depois outro pra mim*”. Podemos inferir com base nas sessões com a família Silva que, para os filhos, o investimento financeiro do pai em relação a eles era equivalente ao investimento libidinal. Dessa forma, o pai deveria *gastar* o mesmo valor em dinheiro com os filhos e a nova namorada, a fim de ratificar que não seriam preteridos em relação a ela. Aliás, a equivalência de valores *gastos* com os filhos e a “outra” geralmente se estende em relação ao tempo e atenção parental.

Parece-nos, ainda, que, na tentativa de apaziguar os comuns sentimentos de culpa em relação ao novo relacionamento, os pais utilizam o dinheiro para seduzir os filhos, traduzindo os sentimentos de culpa excessivos em presentes para os filhos.

E O AMOR?

Intercalando as manifestações agressivas dirigidas ao ex-parceiro, muitos ex-casais manifestam a existência de sentimentos afetuosos após a separação.

Este amor assume várias faces. Pode se apresentar sob a máscara do ciúme, da sedução, da saudade, do bom humor e da receptividade incomuns antes da separação, das vestimentas e perfumes caprichosamente escolhidos para os momentos de encontro com o ex, dos encontros “casuais” e dos assuntos urgentes para serem discutidos em presença. É interessante notar, que além do desejo real de seduzir o ex-parceiro, circulam, junto a tais investidas, mensagens enigmáticas ligadas à sexualidade infantil do ex-casal, referentes, por exemplo, ao desejo de posse, de triunfo sobre o objeto. Destacamos algumas dessas situações, para a família Silva:

Nos primeiros dois meses após a separação, cheguei a pensar em voltar para casa. Tínhamos relações sexuais casuais. Sempre tivemos uma afinidade boa e parece que ficou melhor depois da separação. Gostaria que tivesse sido assim antes (Marcos).

Ele passava em casa quase todo dia, nos horários que os meninos estavam em aula. Às quartas-feiras ele ia assistir jogo com Pedro e às vezes acabava dormindo na sala (Susana).

O mesmo se observa nos relatos da família Pires:

Não sinto mais nada por ele, mas meu coração ainda sente algo. Não sei se amo ou não. Minha mãe diz que sim, porque pra ela se o coração ainda sente é porque a gente ama (Patrícia).

Minha ex-mulher sempre anda arrumada, o lado feminino dela é muito atraente, quando a vejo, olho mesmo, não tem como não olhar (...) (risos) (Roberto).

Sabendo que os orifícios do corpo, como olhos e os ouvidos são também zonas erógenas, outras modalidades de contato entre os ex-cônjuges podem ser utilizadas como formas mais primitivas de obter satisfação pulsional. Regredidos e fragilizados pelas vivências traumáticas da separação, os ex-cônjuges substituiriam o prazer genital por vias pré-genitais, o que explicaria as corriqueiras ligações anônimas utilizadas por muitos amantes, a fim de apenas *ouvir a voz* do amado, ou o prazer “*voyerista*” dos encontros “casuais”.

VEM DORMIR COMIGO!

Em todas as famílias atendidas os pais convidaram os filhos para dormir juntos após o fim da união. Quando este convite não partia dos pais, mas sim dos filhos, nenhuma interdição ficava evidente. Seduzidos pelos apelos parentais, pelo calor do corpo dos pais e proteção de um outro na hora de dormir, temos um adulto seduzindo com sua sexualidade, pois está constantemente lançando mensagens enigmáticas à criança, que a princípio seriam intraduzíveis. O caráter erótico provém do fato de os pais não levarem o filho para sua cama, mas de levarem um objeto substituto de suas pulsões sexuais.

É digno de nota que este convite erótico funciona mais como um convite *sexual pré-sexual*, pois há nele, ao mesmo tempo, uma proposta e um interdito, que podem remeter a mensagens próximas à formulada: “você vem dormir comigo, ao meu lado, no lugar de teu pai/tua mãe, mas tu não terás os mesmos privilégios que ele/ela, e nem eu os terei com você”. Há uma satisfação sexual parcial, pré-genital, ou seja, infantil, na medida em que o prazer genital que caracteriza a sexualidade adulta é excluído desta relação, imperando prazeres secundários. Do contrário, caso o prazer genital fosse dominante, teríamos um convite incestuoso e as mensagens provenientes desta relação estariam próximas a intromissões. Contudo, nada impede que o convite para compartilhar o leito dos pais funcione como verdadeira intromissão, resultando, por exemplo, numa histeria.

Vejamos as falas de Marisa, família Oliveira: “*Durmo com Clara desde que me separei. Sei que tenho que deixar Clara dormir no quarto dela, mas na hora eu não deixo ela sair, e ela gosta (risos)*”, e “*sinto um vazio [leva a mão ao peito] quando ela não dorme comigo.*”

PARTICULARIDADES: AS TENTATIVAS DE TRADUÇÃO DO EXCESSO PARENTAL

No caso da família Silva, apesar do relacionamento conturbado entre pai e mãe, Pedro – muito mais do que simplesmente traduzir as atitudes parentais conforme os códigos destrutivos oferecidos por Susana – oferecia nova interpretação ao comportamento parental. Porém, em outras ocasiões, ele reproduzia a tradução materna (por exemplo, dizendo que o pai “*só é homem com aquele carro*”, ou que o pai estava andando “*feito um boizinho*”, expressões semelhantes às de Susana) e, assim, variava de uma posição de porta-voz do sintoma dos pais a uma posição de sujeito psíquico.

Bruno, família Pires, incapaz de dar conta dos excessos presenciados, intensifica seus sintomas e começa desacatar as professoras, figuras femininas que, por identificação à *mãe-má*, supomos, eram punidas e castigadas com o seu desrespeito e desobediência na escola. Evento excessivo para Bruno, a prisão paterna funcionava semelhante a uma intromissão impossível de traduzir e, assim, a cena traumática se traduziu em problemas escolares e de comportamento.

Por fim, apresentamos a história de Clara, cujos sintomas lembravam sintomas obsessivos, tanto em relação aos atos repetitivos com seus rituais de toque, como os “pensamentos ruins”, estes ligados a morte de pessoas queridas como a mãe e a avó.

Não afirmamos se a gravidade dos sintomas de Clara está ligada à precocidade da separação parental, o relacionamento entre os pais ser o mais conflituoso dentre os três casais apresentados, ou pela falência dos assistentes de tradução oferecidos pelo meio à Clara, ou ainda, pelo conjunto dos fatores. Contudo, notamos que algumas mensagens destinadas a Clara pelos membros do *socli* eram traduzidas de forma muito próxima do enigmático, o que fez pensarmos que esta seria uma das razões para a gravidade de seus sintomas.

Sobre as tentativas de tradução feitas por Clara, do relacionamento parental após a separação, ilustramos com um diálogo de Clara (C) com a psicoterapeuta (P):

C: *Cheira. Viu?*

P: O quê?

C: *A boneca tem cheiro de cú.*

P: Por quê?

C: *Eu que vou saber*

P: Mas o que ela poderia ter feito para ficar com cheiro de cú?

C: *Ah, vai vê ela cagou nas calças...(risos).*

Sobre a primeira interpretação (realizada aos dois meses de atendimento):

Parece-nos que o “*cheiro de cú*” metaforicamente represente o cheiro de fezes, não pela “*cagada*” feita pela boneca, mas, talvez, feita pelos pais ou por um deles em especial. Em uma das sessões com Marisa, algo semelhante ao enunciado por Clara é relatado. Marisa diz

que o ex-marido esta falido, e acrescenta que hoje, “*ele não tem nem bosta no cú pra caga*”, frase que denota certa equivalência entre as fezes e a potência do marido.

Pensamos que Clara, identificada com a mãe, traduz esta fala materna em “*cheiro de cú*”, talvez, cheiro da falência do pai, não apenas financeira, mas em um duplo sentido. Um dos sentidos se refere à falência moral do pai que, em várias brincadeiras de faz-de-conta, é interpretado como um pai mau, que esconde dinheiro da família e que tem *outra* (que esta grávida). Outro sentido, diz respeito à falência de Júlio em seu papel de pai, que há cerca de um ano quase nunca vê a filha. Em uma das sessões, quando lhe foi perguntado se ela tinha visto seu pai no final de semana, Clara responde em tom agressivo: “*Que pai?*”. Talvez no lugar deste pai tenha restado para ela e a mãe apenas um “*cú*” mal-cheiroso e cagado, como indicativo de um ódio erótico.

Sobre a segunda interpretação (após seis meses de atendimento): “A boneca como irmão”

No transcurso das sessões, esta boneca assume um personagem, passa a representar um suposto irmão. Mas, para explicarmos esta segunda interpretação, retomamos o papel da *outra* que, em suas brincadeiras, além de aparecer grávida, era descrita por Clara como “*a biscate*”. Isso lembra o significante “vagabunda” atribuído *a outra* por Marisa, significante possivelmente internalizado por Clara como um enigma.

Em diversas sessões Clara manifestou verbalmente o desejo de ter um irmão; porém, durante o faz-de-conta este irmão, representado por sua boneca, foi atacado violentamente através de tapas e socos. Na sequência foi jogado ao chão, pisoteado e, por fim, chamado de “*irmão de merda*”. Perguntamos então: que cheiro teria este “*irmão de merda*”, se não o “*cheiro de cú*” enunciado por Clara em sessões anteriores? Seria ele, filho da mãe, filho do pai, ou *filho da puta*? (“*a biscate*”, como Clara dizia).

Com o transcorrer das sessões descobrimos que este irmão odiado e atacado no faz-de-conta tratava-se de uma fantasia referente ao nascimento de um irmão por parte de pai, e não de um irmão real. Filha única, Clara manifestou grande aversão quanto à possibilidade de que seu pai tivesse outro filho, este, representado por um “*irmão de merda*”. Clara dizia que este meio-irmão, caso viesse a nascer, seria um irmão “*cagado, melado, rolada na bosta*”, pois segundo os assistentes de tradução oferecidos por seu tio, “*tem crianças que não nascem, mas são cagadas.*” Essa fantasia parece ser o resultado de uma tentativa de tradução muito próxima do enigmático, uma tradução bastante precária ou insuficiente para dar conta de sua angústia, o que justificaria as repetições de Clara que, em várias sessões, realiza o mesmo

jogo lúdico, talvez, a fim de buscar uma melhor tradução, uma historicização que de conta do traumático.

Baseados na ideia de Mello (2009) a respeito da existência de um sujeito portador de duas faces, uma ativa, outra passiva, temos que, frente à separação parental, os filhos assumiriam dois papéis distintos de sujeito. De um lado, teríamos um sujeito *sujeitado* às mensagens enigmáticas e traumatizantes provenientes do fim da relação dos pais como casal. De outro lado, teríamos um sujeito *agente*, ativo frente ao que recebe do outro, buscando suas próprias autoteorizações, novas traduções e retraduições.

Desse modo, mesmo expostos a situações semelhantes, cada criança traduzirá de forma singular a sua vivência. Traduzirá à sua maneira, quando o meio lhe oferecer provisões para traduções menos recalcadoras e menos traumáticas, ou à maneira dos pais quando os recursos dispensados à criança forem escassos, insuficientes ou muito próximos do enigmático. E ainda, a criança poderá produzir diferentes sintomas e transtornos como resposta àquelas mensagens internalizadas como intromissões, cuja possibilidade de teorização é escassa ou nula. É o que elas podem fazer.

REFERÊNCIAS

- DIAS, M. B. & SOUZA, I. M. C. C. de. (1999, dez). Separação litigiosa, na "esquina" do Direito com a Psicanálise. *Revista da AJURIS*, Porto Alegre, n.º 76. [CD-ROM]. Juris Síntese Millennium, Síntese Publicações, n.º 41, maio/ junho 2003.
- EURÍPEDES, 480-406. (1991). *Medéia, Hipólito, As troianas*. (Mário da Gama Kury, Trad., Introd.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.
- FONSECA, P. M. P. C. (2006). Síndrome da alienação parental. *Rev. Pediatria*. São Paulo, 28(3), 162-168. Recuperado em 11 de abril de 2010 de <http://pediatriasaopaulo.usp.br/upload/pdf/1174.pdf>
- FREUD, S. (1917/2006). Luto e Melancolia. In: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Volume 2: 1915-1920). (Luiz Alberto Hanns, Cood. Trad., Claudia Dornsbusch [et al.] Trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- _____. (1923/1996) Estar amando e hipnose. (Jayme Salomão, Trad.). In: *Edição Eletrônica das Obras Completas de Sigmund Freud* (Volume XVIII). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- HAGE, A. (2005, mai/ago.). Luto e identificação: a propósito de *A casa de boneca* de Henrik Ibsen. *Psicologia em estudo*, Maringá, 10(2), 283-287.
- LAPLANCHE, J. (1987). *Novos fundamentos para a psicanálise*. (João Gama, Trad.) Lisboa, Portugal: Edições 70.
- _____. (1988). A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. (Doris Vasconcellos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1993a). Elaboraões temáticas sedução, perseguição e revelação. (Mania Deweik & Maria de Lourdes Caleiro Costa, Trads.). *Rev. Bras. Psicanál.* 27(4), 751-782.
- _____. (1997). *Freud e a Sexualidade: o desvio biologizante*. (Lucy Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- _____. (1997a). Implantation, intromission. In.: *Le primat de l'autre en psychanalyse: Travaux 1967-1992*. (2 ed). Paris: Flammarion.
- _____. (1997b). Temporalité et traduction. Puor une remise au travail de la philosophie du temps. In.: *Le primat de l'autre en psychanalyse: Travaux 1967-1992*. (2^a ed). Paris: Flammarion.
- _____. (1997c). Le temps et L'autre. In.: *Le primat de l'autre en psychanalyse: Travaux 1967-1992*. (2^a ed). Paris: Flammarion.
- _____. (1999, nov.). Curto tratado do inconsciente. *Jornal de Psicanálise*. SBPSP. 32(58/59), pp.307-337.
- _____. (2005). Entrevista con Jean Laplanche, encuentro com Gisèle Danon y Didier Lauru. (Lorenza Escardó, Deborah Golergant, Trad.). *Rer. Alter.n.1. dez*. Recuperado em 17 de maio de 2010 de <http://www.revistaalter.com>
- _____. (2006). Incesto e sexualidade infantil. (Marcelo Marques, Trad.). *Rev. Bras. Psicanál.* 40(2), 61-70.
- _____. (2007a). Gender, Sex, and the Sexual. (Susan Fairfield, Trad.) *Studies in Gender and Sexuality*. 8(2), 201-219.
- _____. (2007b). Trois acceptions du mot "inconscient" dans le cadre de la théorie de la seduction généralisée. In: *Sexual: La sexualité élargie au sens freudien*. Paris. PUF.
- LOSSO, R. (2003, July). Divorce Terminable and Interminable: a Psychoanalytic and Interdisciplinary Approach. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, 5(3).
- MARTENS, F. (2009). Para una validación sócio-clínica de la teoria de la seducción generalizada. (Lorenza Escardó, Deborah Golergant, Trad.). *Rer. Alter. n. 3. fev*. Recuperado em 18 de junho de 2010 de <http://www.revistaalter.com>

- MELLO NETO, G. A. R. (2009). Duas faces do sujeito. In: Tomanik, E. A.; Caniato, A. M. P.; Faci & Dias, M. G. (Org.). *A constituição do sujeito e a historicidade*. Campinas, SP: Editora Alínea.
- NASIO, J. D. (1997). *O livro da dor e do amor*. (Lucy Magalhães, Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- RAFFAELLI, R. (1994). *Psicanálise e Casamento*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- RAMOS (Mello Neto), G. A. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas, SP: Editora Unicamp.
- SILVA, V. C. & CHUSTER, A. (1991). Mito do casal versus casal do mito. In: Vilhena, J. (Org.). *Escutando a família, uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- WALLERSTEIN, J. & RESNIKOFF, D. (1997). Parental divorce and developmental progression: an inquiry into their relationship. *J. Psycho-Anal.* n.78.